



Universidade de Brasília



UNIVERSIDADE  
ABERTA DO BRASIL

---

**Universidade de Brasília – UnB  
Instituto de Psicologia – IP  
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED  
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO  
ESCOLAR – UAB/UnB**

**A INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ALUNO COM SÍNDROME DE  
DOWN: UM ESTUDO DE CASO**

**Laurinda do Nascimento Costa**

**ORIENTADORA: Professora Ms. Viviane Fernandes F. Pinto**

**BRASÍLIA/2011**

---



---

**Universidade de Brasília – UnB**  
**Instituto de Psicologia – IP**  
**Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED**  
**Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS**

**Laurinda do Nascimento Costa**

## **A INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO DE CASO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão, da Universidade Aberta do Brasil – Universidade de Brasília (UAB/UNB), Pólo de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

**ORIENTADORA: Professora Ms. Viviane Fernandes F. Pinto**

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Laurinda do Nascimento Costa**

### **A INCLUSÃO ESCOLAR DE UM ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN: UM ESTUDO DE CASO**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de especialista do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UNB. Defendida em \_\_\_/\_\_\_/2011.

APROVADA PELA BANCA FORMADA PELOS PROFESSORES:

---

**PROFA. MS. VIVIANE FERNANDES F. PINTO (ORIENTADOR)**

---

**PROF. MS. RAQUEL GOMES PINTO (EXAMINADOR)**

---

**LAURINDA DO NASCIMENTO COSTA (CURSISTA)**

---

**BRASÍLIA/2011**

## DEDICATÓRIA

Aos alunos que passaram pela minha vida, àqueles que me encantaram pelo bom comportamento e dedicação.

Aos que se tornaram inesquecíveis pelo desafio que representaram. Àqueles que consegui compreender e ajudar e também aos que não compreendi e, por isso, não consegui ajudar.

Aos meus colegas de trabalho que muitas vezes me trouxeram inspiração e me deram a mão quando tive dúvidas e dificuldades em meu trabalho.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por seu infinito amor.

À Ms. Viviane, minha orientadora, pelo incentivo à pesquisa.

À professora Islene, pela colaboração na realização da pesquisa.

À minha mãe e minhas irmãs, pelo exemplo de luta.

Ao Celson, Celson Júnior, e Marcos Vinícius, razões de minha vida.

## RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivos principais identificar, relatar e analisar aspectos relativos ao processo de inclusão de um aluno com Síndrome de Down (SD) em uma escola pública do Distrito Federal; descrever e analisar o processo de inclusão educacional de uma criança com SD e compreender aspectos acerca da SD na perspectiva de diferentes atores: alunos, professores e família. Participaram da pesquisa o aluno com SD, sujeito do estudo, sua mãe, três colegas da turma, professores e monitor. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola da DRE de Santa Maria. A metodologia escolhida foi a Pesquisa Qualitativa que permitiu a descrição, análise e discussão do processo de inclusão de uma criança com SD em uma turma regular das séries iniciais. Os instrumentos metodológicos utilizados foram entrevistas gravadas, observações e análise documental. Os resultados alcançados nesse estudo permitem uma reflexão acerca do processo de inclusão nas escolas, refletindo seus anseios, angústias e sucesso alcançado através de muito trabalho e dedicação.

**Palavras-chave:** *Síndrome de Down, inclusão, adaptação, interação social.*

## SUMÁRIO

Resumo.....	06
Sumário.....	07
Apresentação.....	09
<b>I - Fundamentação Teórica.....</b>	<b>11</b>
1.1 –Inclusão.....	11
1.2 - Histórico da Síndrome de Down.....	14
1.3– Inclusão da Criança com Síndrome de Down.....	16
1.4 – Objetivos.....	22
1.4.1 – Objetivos Gerais.....	22
1.4.2 – Objetivos Específicos.....	22
<b>II – Metodologia</b>	
2.1 - Referencial Teórico Metodológico:.....	23
<b>A Pesquisa Qualitativa</b>	
2.2 – Método: Passo a passo para a construção da Pesquisa.....	23
2.3 – Sujeitos e Local de Pesquisa.....	24
2. 3.1 – Sujeitos da Pesquisa.....	24
2.3.2 – Paulo – Um desafio À Inclusão.....	25
2.3.3 – Local da Pesquisa.....	27
2.3.4 – Procedimentos para Construção da Pesquisa.....	28
2.3.5 – Entrevistas.....	29
2.3.6 – Observações.....	29
2.3.7 – Análise Documental.....	30
2.3.8 – Instrumentos e Materiais para a Construção da Pesquisa.....	30
2.3.9 – Procedimentos para Análise de Dados.....	30
<b>III – Resultados: Análise e Discussão.....</b>	<b>32</b>

3.1 – Observações.....	32
3.2 – Entrevistas.....	34
A – Interação Social com a Turma.....	34
B - Adaptação ao Contexto Escolar.....	37
C – Processo de Aprendizagem.....	39
D – Apoio ao trabalho do professor.....	42
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>45</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>48</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>49</b>

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho apresenta reflexões sobre desafios, conquistas e frustrações enfrentadas durante o processo de inclusão de um aluno com Síndrome de Down em uma escola pública do Distrito Federal. O objetivo principal deste trabalho foi identificar e analisar aspectos envolvidos na promoção da inclusão de um aluno com Síndrome de Down e os objetivos específicos foram: descrever e analisar o processo de inclusão educacional de uma criança com síndrome de Down e compreender as implicações da Síndrome de Down no processo educacional do aluno.

O trabalho foi realizado através de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida a partir de um estudo de caso e utilizou como recursos metodológicos observações do contexto escolar e entrevistas com a família do aluno, professores, equipe da sala de recursos e colegas de sala. O aluno foi observado em atividades distintas, tais como sala de aula, recreio e parquinho.

As observações e entrevistas foram realizadas em uma Escola Classe que atende o aluno participante do estudo. A escola está situada na região administrativa de Santa Maria e funciona na modalidade de séries iniciais do ensino fundamental. A faixa etária dos alunos é de seis a treze anos. Atualmente a escola tem 15 (quinze) Alunos com Necessidades Educacionais Especiais (ANEEs) incluídos em turmas regulares, dos quais 3 (três) com Síndrome de Down e 2 (dois) em turmas de TGD (Transtorno Global de Desenvolvimento).

A relevância do estudo em pauta dá-se em torno do processo escolar, uma vez que é observado, dentre os desafios enfrentados pela escola, dificuldades em se trabalhar com ANEEs e obter apoio dos serviços especializados, principalmente na área de saúde, para garantir um desenvolvimento mais efetivo para essas crianças. Este problema acaba por dificultar o trabalho escolar, visto que muitos alunos perdem o direito à Redução de Turma (turmas inclusivas têm direito a um número reduzido de

alunos) e acabam inseridos em turmas super lotadas, onde torna se difícil a oferta de um trabalho diferenciado por parte do professor. Outro obstáculo enfrentado pela escola é a dificuldade que muitas famílias têm devido ao fato de fazerem parte de uma comunidade que não conta com um serviço público de saúde eficiente que possa dar a essas crianças o atendimento que necessitam.

Apesar de todos os obstáculos enfrentados, é possível perceber avanços importantes no desenvolvimento dos ANEEs em escolas regulares. Em diversos casos, no decorrer do ano letivo se observam mudanças significativas no comportamento desses alunos. A partir do momento em que os professores e as famílias tomam ciência das necessidades dos alunos com deficiência e começam a trabalhar para seu desenvolvimento, os avanços e mudanças observadas são de grande relevância.

Diante das dificuldades e possibilidades apresentadas, esse estudo é um importante registro sobre o trabalho realizado com um aluno portador da Síndrome de Down na escola pública, que possibilita algumas reflexões a respeito dos desafios para o seu desenvolvimento: uma família que vê com resistência e angústia a inclusão de seu filho em uma escola regular e uma professora determinada a mudar esse quadro e promover o desenvolvimento da criança, levando em conta não só suas necessidades, mas também suas capacidades.

O estudo decorre sobre os procedimentos e resultados da pesquisa realizada e organiza-se em três capítulos: o primeiro apresenta uma discussão sobre ANEEs, destacando a inclusão de crianças com Síndrome de Down; o segundo trata da metodologia adotada no estudo e o terceiro trata da apresentação e análise dos resultados, que sintetizam as considerações finais.

# I. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

## 1.1 A INCLUSÃO ESCOLAR

Na sociedade atual, a inclusão de pessoas com necessidades especiais tornou-se necessária em todas as esferas da sociedade. A escola, como ambiente formador de opinião e difusora de valores, tem um papel importante e necessita ser o primeiro ambiente a promover e valorizar a diversidade possibilitando, dessa forma, a inclusão.

De acordo com a Resolução nº. 02 de 11/09/2001, inclusão é definida como: “a garantia do acesso continuado ao espaço comum de vida em sociedade, em uma sociedade orientada por relações de receptividade à diversidade humana e às diferenças individuais, em um esforço de equidade de oportunidades desenvolvimentais, em todas as dimensões de vida”. Em seu artigo 5º, a Resolução afirma:

Consideram-se educandos com necessidades educacionais especiais os que, durante o processo educacional, apresentarem: I – dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, compreendidas em dois grupos: a) aquelas não vinculadas a uma causa orgânica específica; b) aquelas relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências; II – dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, demandando a utilização de linguagens e códigos aplicáveis; III – altas habilidades/superdotação, grande facilidade de aprendizagem que os leve a dominar rapidamente conceitos, procedimentos e atitudes (**Resolução nº 2, de 11/09/2001 p. 70**).

Historicamente as pessoas com necessidades especiais receberam diferentes tratamentos por parte da sociedade. As famílias que geravam um filho com determinada deficiência, encaravam o fato como um provável “castigo de Deus”. Outras superstições populares ganhavam espaço para explicar a chegada de uma criança com deficiência: seria a chave colocada no seio da mãe a responsável pelo filho ter nascido com lábio leporino? Onde faltava conhecimento científico, os mitos e superstições ganhavam espaço e reforçavam a exclusão das pessoas com necessidades especiais.

Muitas vezes as crianças que nasciam com alguma deficiência eram escondidas da sociedade, pois eram motivo de vergonha e tristeza para suas famílias. Quando expostas, geralmente viravam alvo de zombarias que eventualmente as levavam à agressividade e, posteriormente, ao abandono em asilos, manicômios ou à reclusão domiciliar. Várias pessoas com deficiência física e/ou intelectual, e até mesmo aquelas que eram vítimas de epilepsia, a exemplo de Van Gogh, pintor holandês ou Arthur Bispo do Rosário, competente artista plástico brasileiro esquizofrênico, foram consideradas “loucas” e “perigosas para a sociedade”. No caso dos artistas citados, ambos foram trancados em manicômios, tendo seus talentos reconhecidos apenas após a morte. A dificuldade em se lidar com a deficiência é traduzida por Amaral da seguinte forma:

antes de mais nada, uma constatação: o fato é que (seja da ótica de quem vive, seja da ótica de quem vê) a deficiência, do ponto de vista psicológico, jamais passa em brancas nuvens. Muito pelo contrário: ameaça, desorganiza, mobiliza. Representa aquilo que foge ao esperado, ao simétrico, ao belo, ao eficiente, ao perfeito... e assim como quase tudo que se refere à diferença, provoca a hegemonia do emocional sobre o racional (AMARAL, 1998, p.60).

De acordo com Souza, 2008, o atendimento em Educação Especial no Brasil começa a partir de 1854 com iniciativas oficiais do antigo Império e de algumas instituições particulares. Essas iniciativas são claramente inspiradas nas políticas da Europa e dos Estados Unidos da América. A primeira instituição, fundada ainda por Dom Pedro II, foi o Imperial Instituto dos Meninos Cegos em setembro de 1854, hoje conhecido como Instituto Benjamim Constant - IBC, desde 1891 (SOUZA, 2008).

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, no século XX, marcou o início da luta pela inclusão social das minorias como os negros e, mais tarde, o movimento dos veteranos de guerra do Vietnã surgiram como importantes bandeiras contra as desigualdades sociais.

Em 1994 com a Declaração de Salamanca, marco na luta pela inclusão das pessoas com deficiência, a inclusão social das pessoas com deficiência passou a ser vista como arma contra o preconceito e o poder público passou a

organizar seus mecanismos para que as pessoas com deficiência também tivessem direito à escola. A partir da Declaração de Salamanca, várias crianças que antes estavam sentenciadas a passar toda sua vida escolar em escolas especiais ou nas classes especiais, passaram a ter a possibilidade de frequentar as classes comuns e, dessa forma, tiveram a oportunidade de interagir com outras crianças e outros contextos que, em vários casos, possibilitou avanços cognitivos importantes devido à socialização.

O documento “Diretrizes Pedagógicas da Secretaria de Educação do Distrito Federal” destaca que a Educação Especial, no enfoque inclusivista proposto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/97), cumpre suas especificidades ao possibilitar aos Alunos com Necessidades Educacionais Especiais desenvolverem suas competências, ultrapassando os limites de sua realidade. Incluir ou integrar os alunos, desde a Educação Infantil, nas classes regulares, e propiciar-lhes suportes especiais para que superem suas limitações tornam-se objetivos explícitos dessa modalidade. Ainda de acordo com as Diretrizes Pedagógicas, a inclusão desses alunos ocorre da seguinte forma:

- **Inclusão em classe comum:** requer professores capacitados com o apoio da sala de recursos e a itinerância quando se fizer necessário;
- **Integração inversa:** sala de aula de caráter transitório, composta por alunos sem e com necessidades especiais, e ainda não indicados para a inclusão total, previstas para alunos com deficiência física, mental, auditiva, visual e aqueles com condutas típicas e síndromes. Essas classes têm o objetivo de promover a socialização, alfabetização e aquisição de comportamentos adaptativos.
- **Classe especial:** sala de aula destinada aos ANES com dificuldade de comunicação e socialização que necessitam de atendimento diferenciado. Essas classes são mantidas em caráter provisório e temporário.

Dessa forma, observa-se que, legalmente, cabe ao sistema de ensino observar as necessidades educacionais de cada aluno e decidir, a partir da legislação educacional, a melhor forma possível de garantir aos ANEES o acesso à educação de qualidade, que os permita desenvolver suas habilidades convivendo com a diversidade.

## **1.2 HISTÓRICO DA SÍNDROME DE DOWN**

Uma das deficiências atendidas em programas inclusivos refere-se às crianças com Síndrome de Down (SD). Ainda verifica-se desconhecimento das escolas e professores a respeito da síndrome e sobre como lidar com crianças que a possuem. De acordo com Pichel (1999), os indícios mais antigos de indivíduos com Síndrome de Down, teriam surgido durante escavações de um crânio saxônio no século VII. A cultura Olmec também teria representado pessoas com SD através de esculturas e pictografias há quase 3000 anos, porém, exames detalhados nessas peças deixaram dúvidas se realmente referiam-se a pessoas com Síndrome de Down.

O fato de que até meados do século XIX, metade das mães morriam com menos de trinta e cinco anos, período de maior incidência da Síndrome de Down e muitas das crianças nascidas com a síndrome morriam ainda na primeira infância pode explicar a falta de registros de indivíduos com a síndrome nesses períodos.

Segundo PUESCHEL (2007), Jean Esquirol seria o responsável pela primeira descrição de uma criança com Síndrome de Down em 1838. Em 1846 Edouard Seguin descreveu um paciente com feições semelhantes à de um indivíduo com Síndrome de Down e o deu a denominação de “idiota furfurácea”. Pueschel afirma ainda que em 1866, Duncan registrou uma menina “com uma cabeça pequena e redonda, olhos parecidos com os chineses projetando a língua uma grande língua e que só conhecia algumas palavras”. No mesmo ano John Langdon Down descreveu em seu trabalho algumas características da Síndrome que hoje recebe seu nome.

O cabelo não é preto, como é o cabelo de um verdadeiro mongol, mas é de cor castanho, liso é escasso. O rosto é achatado e largo. Os olhos posicionados em linha oblíqua. O nariz é pequeno. Estas crianças têm um poder considerável para a imitação (PUESCHEL, 2007, p.48)

Pueschel (2007) destaca que Down merece o crédito pela descrição das características clássicas desta condição ao distinguir essas crianças de outras com deficiência mental, em particular aquelas com cretinismo (uma desordem congênita da tireóide). Influenciado pelo livro de Charles Darwin a partir do estudo “a Origem das espécies”, Down acreditava que a condição que hoje denominamos Síndrome de Down era um retorno a um tipo racial mais primitivo. Ao ligar a aparência dessas crianças aos orientais, Down criou o termo “mongolismo” e inadequadamente os chamou de “idiotas mongolóides”.

Pueschel (2007) lembra ainda o uso desses termos nos dias atuais é considerado insulto e preconceito, pois não há nenhuma ligação entre tal condição e a etnia. Após 1866 passaram-se dez anos sem que nenhum registro fosse feito sobre a Síndrome de Down até que em 1876, J. Frase e A. Mitchell descreveram pacientes com essa condição, denominando-os de “Idiotas Kalmuck”. Mitchel destacou a braquicefalia e a idade mais avançada das mães quando deram a luz às crianças.

Ainda sobre a tentativa de explicar a Síndrome de Down (Pueschel, 2007), relata que em 1877, William Ireland, incluiu pacientes com Síndrome de Down como um tipo especial em seu livro *Idiocy and imbecility*. Em 1866 G.E Shuttleworth afirmava que essas crianças eram “inacabadas” e que “sua aparência peculiar (era), era na verdade, a de uma fase da vida fetal”. No final do século XIX, cientistas relataram maior ocorrência de doenças cardíacas congênitas em pessoas com Síndrome de Down. Em 1896, Smith descreveu a mão da pessoa com Síndrome de Down notando a curva para dentro do dedo mínimo. No início do século XX, detalhes adicionais da Síndrome de Down foram descritos e discutidas várias causas possíveis. Em meados dos anos 1950 o progresso na visualização dos cromossomos permitiu um estudo mais detalhado dos cromossomos humanos, permitindo a descoberta de Lejeune,

médico francês responsável pela descoberta da trissomia 21, e descobriu-se que as crianças com Síndrome de Down têm um cromossomo 21 extra.

### **1.3 INCLUSÃO DA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN**

A Síndrome de Down é o resultado do aumento de material genético do cromossomo 21 que resulta em implicações relacionadas ao desenvolvimento psicomotor, características físicas que os torna parecidos fisicamente e a deficiência intelectual.

Segundo PUESCHEL, (Apud Rosa e Luiz, 2008 pág. 03):

A síndrome de Down é uma condição crônica que impõe inúmeros desafios à criança acometida e também a sua família. Trata-se de uma desordem cromossômica, a trissomia do cromossomo 21, cuja frequência é de 1:750 nascidos vivos, tendo como fator de risco preponderante a idade materna avançada (35 anos)

Ainda sobre a definição da Síndrome de Down, CUNNINGHAM, 2008, afirma que a SD é uma trissomia causada por excesso de material genético do cromossomo 21. Dessa forma essa trissomia não é causada por nenhum cromossomo “estranho” e nem por um retorno a uma forma primitiva da evolução humana, não é considerada doença e não pode ser transmitida.

Em 1866, Down chegou a afirmar que a Síndrome que mais tarde levaria seu nome seria um retorno à forma primitiva da espécie humana. Essa informação não se confirmou com os avanços das pesquisas. De acordo com Cunnigham:

A Síndrome de Down é uma das várias trissomias, que são encontradas em todas as raças de pessoas de todos os países e condições sociais e econômicas. Por volta de 1 em cada 300 bebês nasce com uma trissomia, mas estima-se que até 1 em cada 5 concepções tenha uma “falha” cromossômica. Atualmente, nasce 1 em cada 1.000 bebês com Síndrome de Down nos países desenvolvidos(...) A trissomia do cromossomo 21, que resulta na Síndrome de Down, é causada por uma não-disjunção durante a divisão celular. Isso ocorre com mais frequência durante a meiose I na mãe e, assim, exclui muitas das explicações passadas de causas a partir de fatores ambientais. Na verdade não sabemos o que causa a não-disjunção cromossômica. ( CUNNINGHAM, 2008)

De acordo com Pueschel e Cunningham (1999), as causas da Síndrome de Down ainda são desconhecidas pela ciência e, apesar das pesquisas sobre a Síndrome estarem avançando as manipulações e tratamentos genéticos ainda não garantem a erradicação da SD. Desta forma, resta diagnosticar os casos e realizar intervenções que propiciem uma melhora na qualidade de vida das pessoas com Síndrome de Down. Pois um diagnóstico precoce da SD proporcionará um suporte maior à criança e assim a mesma terá mais chances de enfrentar essa anomalia.

O diagnóstico clínico pode ser realizado nas primeiras horas de vida da criança pelas suas características físicas (fenotípicas) e, posteriormente, confirmado por análises citogenéticas do cariótipo de células em metáfase. Os portadores da Síndrome de Down podem apresentar: hipotonia, baixa estatura, hiperflexibilidade das articulações, mãos pequenas e largas com prega palmar única, face larga e achatada, olhos distantes um do outro, nariz pequeno com base nasal achatada, baixa implantação das orelhas, língua projetada para fora da boca, palato ogival, cardiopatia congênita, genitais hipodesenvolvidos, excesso de pele na nuca, cabelo liso e ralo (PUESCHEL, 1999; SCHWARTZMAN, 1999). Entretanto, nem todos os portadores desta síndrome apresentam estes fenótipos; a deficiência mental é a única característica comum em todos os casos (ANTONARAKIS et. al., 2004). A identificação dos sujeitos afetados, já ao nascimento, possibilita a intervenção precoce, estendida a todos os familiares envolvidos (REIMAND et. al., 2003).

Cabe ressaltar que tais intervenções precoces podem modificar o rumo da vida de tais indivíduos e que as famílias devem ser conscientizadas o mais depressa possível para que saiam da condição de luto por terem um filho com tal deficiência e assumam uma postura de “heróis” sem super poderes, mas dotados de coragem para enfrentar os desafios de criar e educar com dignidade um filho com Síndrome de Down. A esse respeito, Tunes e Piantino (2001) afirmam:

A Síndrome de Down é uma diferença. Quando igualamos todas as crianças que têm essa síndrome, criamos uma categoria social.

Quando as individualizamos damos oportunidades a cada uma de ter sua identidade como pessoa e não como síndrome.” (p. 10)

Ao receber o diagnóstico médico que atesta a Síndrome de Down, muitos pais se desesperam e mergulham em longo luto esquecendo-se que seu filho está vivo e que a vida pode lhe oferecer muitas possibilidades de desenvolver-se, conquistar uma certa independência e ser feliz, mas criar e educar uma criança com SD de forma a lhe proporcionar um pleno desenvolvimento dentro de suas limitações requer mais empenho de todas as pessoas envolvidas nesse processo.

Quando uma família recebe uma criança com Síndrome de Down, deve encarar essa situação com amor, dedicação e humor e buscar soluções para que ela tenha um pleno desenvolvimento. Cuidar dessa criança não é mais difícil do que cuidar de outras crianças; é apenas diferente. Você tem que fazer tudo o que faz com qualquer filho e acrescentar mais: mais atenção, mais dedicação, mais cuidado, mais informação, mais, mais e mais...”(TUNES, e PIANTINO, 2001, p. 33,34)

Percebe-se, nos relatos citados, a necessidade da aceitação da criança com Síndrome de Down por parte da família. Essa aceitação permite que a família busque as alternativas necessárias ao pleno desenvolvimento da criança com SD e perceba que essa criança não terá um desenvolvimento inferior ao das demais, seu desenvolvimento será apenas diferente. A respeito do desenvolvimento das crianças com SD, Flórez e Troncoso, 1997, defendem a seguinte idéia:

Do ponto de vista motor, observa-se, com frequência, uma perda de iniciativa e espontaneidade. Na SD não há dificuldade em executar atividades antigas com um conhecimento rotineiro, mesmo sendo longas, mas o problema surge quando tem que se construir uma conduta nova, que exija organização programada, uma nova sequência de atos. (SILVA, 2006)

Além disso, não existe um manual que expresse as possibilidades de desenvolvimento de qualquer criança e isso inclui as crianças com Síndrome de Down. Sabe-se que cada uma é um ser único, que pode ter mais ou menos dificuldades de se adequar ao mundo. Sabe-se também que os estímulos e a atenção adequadas dispensadas a essas crianças desde o nascimento podem fazer com que os mesmos superem as expectativas de desenvolvimento.

Cunningham (2008) descreve da seguinte forma a maneira como a sociedade tratou durante muito tempo as pessoas com SD: a primeira estratégia foi buscar a **erradicação** da Síndrome de Down com a triagem fetal e o término da gestação e pressão para que as pessoas com Síndrome de Down não se reproduzam, prática aceita em alguns países. Outra estratégia foi a **exclusão**. Até recentemente pessoas e crianças com síndrome de Down eram colocadas em grandes instituições afastadas do convívio social. Depois veio a **remediação**, através de cirurgias faciais e abordagens instrucionais com ênfase na conformidade, em vez da escolha com o objetivo de “torná-los o mais normais possível”.

Para Pueschel (2000), as crianças com Síndrome de Down apresentam o desenvolvimento físico e mental prejudicados em relação às outras crianças que não possuem a mesma síndrome, em grande maioria, apresentam deficiência intelectual de nível moderado com QI definido em 1976 pela Organização Mundial de Saúde, de 20 a 49. Dessa forma, Pueschel (2000) descreve assim as possibilidades de desenvolvimento dessas pessoas:

(...) improvável que possa adquirir suficiente aprendizagem na área de leitura, escrita e cálculo, apenas algumas palavras e números. É capaz de desenvolver habilidades relativas aos cuidados pessoais, vestir, desvestir, comer sozinho, asseio corporal e pequenas atividades de rotina de casa. (...) É capaz de alguma utilidade econômica no lar ou em oficinas abrigadas, quando pode executar trabalhos simples desde que com supervisão. (ASSUPÇÃO JR.; SPROVIERI, 1991, P.110-111)

Segundo Tunes (2006), o desenvolvimento do homem se daria a partir dos cinco sentidos: audição, visão, tato, olfato e paladar, o mesmo não ocorre com as crianças com Síndrome de Down, visto que os mesmos necessitam receber as informações do mundo de forma mais direta e constante. Isto significa que as crianças com SD precisam ser preparadas para sentir as mesmas sensações que as crianças sem a síndrome já nascem prontas para sentir. Ainda em relação ao desenvolvimento de pessoas com SD, Escamilla, (1998) afirma:

A memória desempenha um papel importante no desenvolvimento da inteligência e da aprendizagem do ser humano. Dificilmente a criança com a SD esquece o que aprende bem. Para o mesmo autor, a

memória visual desenvolve-se mais rápido que a auditiva devido à maior quantidade de estímulos, adquire uma boa memória sensorial, possibilitando reconhecer e buscar os estímulos. Uma aprendizagem progressiva facilita o desenvolvimento da memória sequencial, tanto auditiva como visual, tátil e cinestésica. (SILVA, 2006).

Além das manifestações citadas, o indivíduo com a Síndrome de Down, manifesta comprometimento no desenvolvimento da linguagem, que mostra-se mais lenta; é neste domínio que a criança acometida apresenta os maiores atrasos (SCHWARTZMAN, 1999), havendo, assim, necessidade de um trabalho de estimulação precoce. Tomando-se como pressuposto que a linguagem se constrói por meio do processo de interação, numa relação dialógica na qual adulto e criança têm papel fundamental (LEMOS, 1989), para a criança com Síndrome de Down é essencial estabelecer essa interação, que tem como maior aliada sua inclusão na rede regular de ensino.

Ao sistematizar o conhecimento sobre as decorrências da inserção de alunos com necessidades especiais em escolas regulares, o estudo de Brien e Brien, apud Teixeira e Kuboll (2008), enfatiza a melhora do desempenho acadêmico dos colegas de turma como um dos benefícios do processo de inclusão. Além disso, o estudo indica que alunos que convivem com colegas com necessidades especiais aprendem a resolver problemas de forma cooperativa, apresentando menos comportamentos segregadores ou excludentes.

Ainda de acordo com o mesmo estudo, professores da rede de educação estadual de Santa Catarina identificam a aquisição de valores como respeito e valorização às diferenças e solidariedade para os alunos, como resultado do convívio com colegas com necessidades especiais em escolas regulares. A inclusão de alunos com necessidades especiais no sistema regular de ensino beneficia seus colegas de turma tanto acadêmica, quanto socialmente.

Segundo Buckley e Bird (apud. ANHÃO; PFEIFER; SANTOS, 2010), há indícios de que as escolas inclusivas têm se apresentado como as melhores escolas para todo tipo de criança, e que as escolas que se prepararam para

receber crianças com necessidades especiais e mudaram o sistema de ensino, tiveram uma melhora significativa na educação para todas as crianças. No processo de inclusão não somente a criança com necessidades especiais absorve aspectos positivos, mas também todas as outras crianças quem passam a conviver com a diversidade aprendem a ser mais preparadas para as adversidades.

Percebe-se então que, no processo de inclusão, ambos são beneficiados: os ANEES, por se desenvolverem de forma mais efetiva através da interação com as outras crianças que, por sua vez, têm a possibilidade de se tornarem cidadãos mais justos, solidários e capazes de reconhecer e respeitar as diferenças. Levando em consideração as limitações no desenvolvimento das crianças com Síndrome de Down, percebe-se que a interação social das mesmas com outras crianças lhes proporciona a oportunidade de se desenvolverem através da socialização com outras crianças e com as intervenções do professor. Segundo Vigotski (apud IVIC 2010), "absolutamente, tudo no comportamento da criança está fundido, enraizado no social (...) Assim, as relações da criança com a realidade são, desde o início, relações sociais(...)". Dessa forma, percebemos que essas relações sociais são favoráveis tanto para as crianças com SD quanto para as demais crianças, devido às múltiplas possibilidades oferecidas pelo convívio social.

## **1.4 - OBJETIVOS**

Constituíram-se como objetivos do estudo:

### **1.4.1 - Objetivo Geral**

- Identificar, relatar e analisar aspectos relativos ao processo de inclusão de um aluno com Síndrome de Down em uma escola pública do Distrito Federal.

### **1.4.2- Objetivos Específicos**

- Descrever e analisar o processo de inclusão educacional de uma criança com Síndrome de Down;
- Compreender aspectos acerca da Síndrome de Down na perspectiva de diferentes atores: alunos; família e professores.

## **II. METODOLOGIA**

### **2.1 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO: A PESQUISA QUALITATIVA**

O presente estudo investigou o processo de inclusão de um aluno com Síndrome de Down, com 10 anos de idade, matriculado em uma turma do 2º Ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal. Para se alcançar os objetivos traçados no estudo optou-se pela pesquisa qualitativa desenvolvida a partir de um estudo de caso. Segundo Maciel e Raposo (2009), :

A pesquisa qualitativa possui um caráter essencialmente teórico, em que a teoria é vista como uma construção sistemática que é permanentemente confrontada com a multiplicidade de idéias que aparecem entre aqueles que a compartilham, das quais resultam um conjunto de alternativas que se expressam na investigação científica e que seguem diferentes zonas de sentidos em seu desenvolvimento sobre a realidade estudada (pág.13)

Consideramos que esta foi uma metodologia adequada para se alcançar os objetivos propostos nesse estudo.

### **2.2 MÉTODO: PASSO A PASSO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA**

Após definir o tema da pesquisa, os sujeitos do estudo e local onde a pesquisa seria realizada, foram definidos os métodos para a coleta de dados. Desta forma, optou se pela entrevista, observação e análise documental como forma de desenvolvimento do estudo. Os nomes dos sujeitos envolvidos no estudo, escola e local de realização da pesquisa, serão trocados por pseudônimos para preservar a identidade dos participantes. Segundo orientações do código de ética, todos os participantes assinaram o termo livre de consentimento.

## 2.3 SUJEITOS E LOCAL DA PESQUISA

### 2.3.1 SUJEITOS DA PESQUISA:

Foram participantes do estudo, além de Paulo, a criança com síndrome de Down, outros 07 sujeitos:

Sujeito	Descrição
Professora – Marta	Trinta e três anos, pedagoga com especialização em alfabetização e linguagens, há treze anos na Carreira Magistério. Costuma trabalhar com os personagens infantis. Costuma se vestir de Emília, Cuca e Palhaça para contar histórias aos alunos e animá-los durante os eventos realizados pela escola.
Professora Leda	Quarenta e cinco anos, Pedagoga com especialização em Psicopedagogia, há quinze anos na Carreira Magistério, dos quais cinco anos dedicados à <b>sala de recurso</b> <sup>1</sup> .
Monitor - Jorge	Vinte anos, ensino médio, há um ano na função de monitor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.
Aluna – Lúcia	Sete anos, aluna do segundo ano
Aluna – Bia	Sete anos, aluna do segundo ano
Aluna – Carla	Oito anos, aluna do segundo ano
Mãe – Mariana	Quarenta e sete anos, dois filhos.
Aluno – Paulo <sup>2</sup>	Dez anos, aluno pertencente ao programa de inclusão da secretaria de educação, matriculado no 2º ano.

<sup>1</sup> A sala de recurso é o espaço, dentro da escola pública do Distrito Federal, destinado ao atendimento pedagógico dos alunos caracterizados como ANEE.

<sup>2</sup> Paulo será mais extensamente descrito, por ser o sujeito do estudo de caso.

### **2.3.2 PAULO: UM DESAFIO À INCLUSÃO**

Paulo, o aluno focado nesta pesquisa, foi matriculado na escola há dois anos, quando dos sete anos de idade. No ano do desenvolvimento deste estudo, Paulo tinha dez anos. Paulo é um garoto acima do peso, de olhos puxados, com um andar que parece estar sempre querendo chutar o chão, seus olhos estão sempre voltados para o chão, constantemente está sentado no chão com as pernas cruzadas, como na postura de yoga, murmurando baixinho “palavrões” quase incompreensíveis. Quando lhe é dirigida a palavra, ora responde com um sorriso maroto, ora murmura algum “palavrão” e, em alguns casos, tenta acertar um tapa, um puxão de cabelo ou uma mordida na pessoa que se dirige a ele.

No início do ano letivo, Paulo chegava quando as turmas já estavam enfileiradas no pátio, antes do início da aula. A mãe alegava que ele não conseguia acordar mais cedo, pois sempre estudou no turno vespertino e esse ano teve a necessidade de mudar para o turno matutino. A mãe sempre o trazia puxando pela mão com um ar de cansada. Paulo demonstrava mais cansaço que a mãe, vinha com uma sacola plástica na mão. Logo que chegava, sentava em um banco próximo ao portão ou na calçada da lanchonete e ali ficava amassando a sacola.

#### **a) O Processo de Adaptação**

A professora tentava, em vão, levá-lo sozinho para a fila. Depois, no decorrer do ano, sempre vinha um colega junto com a professora tentar convencê-lo a ir para a fila. As tentativas não eram bem sucedidas e somente com a intervenção da mãe Paulo era convencido a ir para a sala. Em alguns momentos a professora era obrigada a ir para a sala com os outros alunos e a mãe o levava sob protestos, quase o arrastando para a sala. Nesses

momentos era visível o sofrimento da mãe e a angústia da professora. Em alguns momentos os professores da sala de recursos o levavam primeiro para a sala de recursos e depois para a sala de aula. A sacola estava sempre ali em sua mão como se fosse o brinquedo mais precioso, não conseguia interagir com os colegas e estava sempre tentando se isolar.

Nas atividades realizadas no pátio com as outras turmas, ele ficava constantemente afastado. Quase sempre estava de fraldas. Quando vinha sem fraldas fazia as necessidades fisiológicas na roupa e voltava mais cedo para casa. Havia nesses momentos muitas queixas da mãe que alegava ser descaso da escola. Eram constantes os relatos de agressões do aluno aos colegas e, conseqüentemente, eram freqüentes as reuniões da mãe com a equipe da sala de recursos. A mãe se mostrava descontente com a trajetória do filho na escola.

Ainda no primeiro bimestre, a mãe se arrependera de ter mudado o filho de turno e tentou trocá-lo mais uma vez, devido à dificuldade do filho de acordar cedo e por não concordar com a metodologia empregada pela professora Marta. A mãe foi comunicada que não poderia fazer a troca, pois na turma inclusiva vespertina havia outra aluna com Síndrome de Down, cuja mãe aceitou mudar o turno devido à necessidade de Paulo estudar no matutino. A idéia era que Paulo fizesse acompanhamento médico no período vespertino, portanto, a necessidade de estudar pela manhã. A mãe chegou a ameaçar denunciar a escola para o Ministério Público, com a alegação de que o filho não estava recebendo o tratamento devido. A denúncia foi feita à Diretoria Regional de Ensino - DRE (instituição que administra as escolas daquela região), que convocou a escola para prestar esclarecimentos. Após várias reuniões entre a mãe, membros da DRE, direção da escola, equipe pedagógica, professores da sala de recursos e a professora Marta, a escola e a mãe passaram a se entender melhor.

## **b) Avanços no processo de Inclusão**

No segundo bimestre, Paulo já apresentava avanços significativos, deixou de usar fraldas, a sacola foi sendo esquecida aos poucos, passou a ir ao banheiro sozinho e os casos de agressões e palavrões diminuíram. A expressão de cansaço e sofrimento da mãe diminuíram visivelmente.

Paulo começou a demonstrar grande interesse por músicas e vídeos musicais. Seu vídeo preferido no período de desenvolvimento do estudo era “A sopa” da coleção Palavra Cantada. Na escola, tornou-se frequente ver Paulo segurando a mão da professora, quase arrastando-a até a sala dos professores onde fica o armário com o aparelho de som e repetindo: “*Sopa, neném*”. Quando a professora pegava o aparelho e o deixava levar para a sala, ele ficava com o sorriso estampado em seu rosto. Importante destacar, com relação a Paulo que, de acordo com Tunes (2006), *“apesar de a Síndrome de Down se afigurar como uma dificuldade ou uma barreira para o processo de desenvolvimento comum à maioria das pessoas, ela não é intransponível ou incontornável.”*

Dessa forma, percebe-se que, apesar dos desafios apresentados no processo de inclusão do aluno, principalmente quanto à interação social do mesmo, torna-se possível contornar as dificuldades quando se admite a existência de barreiras à inclusão que só serão superadas quando família e escola trabalham juntas em prol de se alcançar um objetivo comum.

### **2.3.3 LOCAL DA PESQUISA**

A escola escolhida para a realização do estudo foi uma Escola Classe pertencente à Regional de Ensino de Santa Maria. A escolha da instituição deu-se, em primeiro lugar, por ser local de trabalho da pesquisadora e, em segundo lugar, por ser uma instituição que atende a vários alunos com necessidades educacionais especiais. Daí a facilidade de encontrar um aluno que despertasse o interesse por conhecer um pouco do processo de inclusão.

A escola atende do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. No ano de 2010, a escola atendia a 710 alunos distribuídos em 31 turmas no período diurno. Seu corpo docente era de 35 professores, distribuídos nas 31 turmas e onde 03 exerciam o cargo de coordenadores pedagógicos.

Em uma das turmas de Integração Inversa<sup>3</sup> (1º ano do ensino fundamental) haviam dois alunos cegos que, devido a uma decisão do Ministério Público, foi autorizada a bi-docência.

No período noturno, a escola cede seu espaço físico para turmas de Educação de Jovens e Adultos e para o projeto “Ginástica nas Quadras”. Nos finais de semana é cedida para igrejas locais, que utilizam o espaço para ofertar a Catequese de crianças e adolescentes e encontros religiosos.

A estrutura física da escola conta com 33 salas de aula, além de laboratório de informática, sala de vídeo, sala de leitura, sala de recursos, que é dividida com a Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem<sup>4</sup>, sala de professores e demais dependências administrativas. Não existe quadra esportiva na escola, há apenas um espaço que foi cimentado para que as crianças tivessem um local de recreação além do pátio, que não comporta todos os alunos. A escola tem dezessete anos de existência e nunca passou por uma grande reforma, por isso a parte hidráulica, elétrica e a pintura do prédio estão deteriorados.

O tema da pesquisa, bem como os sujeitos participantes, foram escolhidos devido à inquietação causada no processo de inclusão do aluno sujeito do estudo.

#### **2.3.4 PROCEDIMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA**

---

<sup>3</sup> Classes de Integração Inversa são turmas cuja constituição obedeça à proporção de 1/3 de alunos normais, nas áreas de Deficiência Mental, Deficiência Auditiva, Deficiência Física e Condutas Típicas de Síndromes (DECRETO N° 22.912, DE 25 DE ABRIL DE 2002).

<sup>4</sup> É formada por pedagogos e/ou psicólogos que atendem aos alunos com Transtornos Funcionais.

Ao informar à equipe gestora da escola que seria feito um estudo de caso com o aluno Paulo, houve autorização para a realização da pesquisa.

Após autorização da escola, foi solicitado o encaminhamento à DRE acesso à documentação do aluno. Conforme abordado, para desenvolvimento do estudo, foram realizadas entrevistas, observações e análise documental.

### **2.3.5 ENTREVISTAS**

Para a realização das entrevistas foram elaborados roteiros prévios e foram enviados os termos de autorização aos pais para que fossem assinados. Após receber os mesmos assinados e de posse dos roteiros de entrevistas, as mesmas foram realizadas sempre durante o recreio.

Foram realizadas entrevistas gravadas em áudio com a professora do aluno, uma professora da sala de recurso, a mãe do aluno e três colegas de sala. A entrevista com a professora do aluno e a professora da sala de recurso foram realizadas no horário de coordenação pedagógica (fora da sala de aula ou do horário de atendimento). Já as entrevistas com os colegas de sala e a mãe do aluno foram realizadas no horário de aula do aluno. As entrevistas foram compostas de questionários abertos que permitiram uma liberdade maior nas respostas.

A coleta de dados deu-se através de entrevistas gravadas com a professora do aluno, a mãe, professora da sala de recursos e três colegas de sala.

Concebemos a entrevista como um acontecimento marcado pela intersubjetividade, sem a neutralidade dos participantes, no qual as respostas do entrevistado não consistem de mera reiteração da memória, mas de reelaborações das lembranças no momento desse encontro ( AUGRAS, 1997 Apud. FÁVERO et al, 2009).

### **2.3.6 OBSERVAÇÕES**

Foram realizadas também observações do aluno em sala de aula, no parquinho, no recreio e na recreação, ocasiões em que se percebe a realização de atividades de pintura e trabalhos com o alfabeto.

Foi observada a alegria do aluno ao participar dos jogos de futebol na quadra e as brincadeiras na areia do parquinho, sempre acompanhado pelo monitor, que representa uma grande contribuição no desenvolvimento de Paulo. Nos momentos em que Paulo não demonstra mais interesse pela atividade que está realizando, o monitor pode sair com ele e dar uma volta pela escola e, em seguida, voltar e dar continuidade à atividade ou iniciar outra.

Todas essas observações foram registradas em diário de campo.

### **2.3.7 ANÁLISE DOCUMENTAL**

Foram analisados documentos tais como, o dossiê do aluno na secretaria da escola, o laudo médico e a adequação curricular referente a 2010 na sala de recursos, com o objetivo de compreender como se dá a inclusão do aluno em uma turma regular da escola.

### **2.3.8 INSTRUMENTOS E MATERIAIS PARA A CONSTRUÇÃO DE DADOS**

Na realização da pesquisa foram utilizados os seguintes recursos materiais e instrumentos de pesquisa:

<b>INSTRUMENTOS</b>	<b>MATERIAIS</b>
Roteiro de entrevista	Gravador
Termo de apresentação	Caneta
Diário de campo	Papel
Termo de livre consentimento	Livros
Encaminhamento da DRE	Computador

### **2.3.9 Procedimentos para a análise dos Dados**

Após a realização das observações, análise de documentos referentes à vida escolar do aluno e das entrevistas, os dados colhidos foram analisados, de forma a ilustrar o processo de inclusão de Paulo, principal sujeito do estudo.

Ao realizar as observações e análises de documentos, foram feitas as anotações necessárias à realização da pesquisa. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas de forma literal para posteriormente serem agrupadas em categorias de temas mais recorrentes, que foram: interação com a turma, processo de adaptação, processo de aprendizagem e apoio ao trabalho do professor.

### III. RESULTADOS: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Nesse capítulo serão apresentados os resultados das observações e das entrevistas realizadas no contexto escolar. Após entrevistas, análise do dossiê e adequação curricular, além de observações do cotidiano escolar do aluno Paulo, sujeito da pesquisa, os resultados construídos são apresentados nesse capítulo e estão dispostos em quatro categorias: interação social com a turma, adaptação ao contexto escolar, processo aprendizagem e apoio ao trabalho do professor.

#### 3.1 Observações

As observações realizadas na escola revelaram aspectos importantes para compreensão caminhos vivenciados durante o processo de inclusão. O “chegar à escola” revela uma criança com um andar lento sempre acompanhado pela mãe, que, geralmente o leva até a porta da sala de aula. A criança ainda costuma hesitar para entrar à sala de aula, hesita exigindo que a professora venha até a porta, às vezes acompanhada por um ou dois alunos, que juntos, o convencem a entrar.

Quanto ao processo de alfabetização, observa-se que Paulo já conhece as letras do nome, mas ainda não as escreve. As atividades propostas para o aluno em sala geralmente são as de pintura, desenho livre e manipulação do alfabeto móvel. O mesmo conta com a orientação da professora regente e o auxílio do monitor. As limitações apresentadas no desenvolvimento cognitivo do aluno são explicadas em Moeler (*apud*. Silva, 2006):

uma característica marcante na SD é o processamento mais lento, pois "quase todas as suas reações demoram mais que o normal, o que deve ser levado em conta quando trabalhamos ou vivemos com elas" (SILVA, 2006)

A turma em que o aluno está inserido é uma turma de Integração Inversa. A turma é composta de 16 alunos entre sete e oito anos e conta com uma professora regente e um monitor que atende o aluno Paulo de 8h às 12h.

O monitor Jorge, personagem importante no processo de inclusão de Paulo, tem vinte anos e ingressou na função de monitor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal no início de 2.010. Jorge possui o ensino médio, não possui formação na área de educação, mas desempenha seu papel de monitor com muita dedicação. Jorge trabalha quarenta horas semanais. No turno matutino atende Paulo e, quando Paulo está ausente à escola, ele atende aos outros alunos com necessidades educacionais especiais. A função de Jorge é dar apoio ao trabalho do professor. Acompanha Paulo ao banheiro, auxilia na realização das atividades e o leva para o pátio, para a quadra e para o parquinho quando sua permanência na sala de aula não é mais produtiva.

Outra característica marcante do processo de inclusão de Paulo é que se verifica que ele não consegue ficar muito tempo em uma única atividade e geralmente não as conclui. Quando perde o interesse pela atividade que está realizando, entra em cena o monitor Marcos. Ele acompanha Paulo até o banheiro, orienta-o quanto à higienização das mãos e o acompanha no pátio da escola. Os dois demonstram uma grande cumplicidade. Em alguns momentos, é possível vê-los correndo pelo pátio da escola. Em alguns momentos, Paulo demonstra certa agressividade com os colegas, através de puxões de cabelo e com xingamentos quase incompreensíveis e em outros momentos demonstra carinho pelos mesmos.

Durante o recreio, o monitor o acompanha, nem sempre ele quer ficar no pátio onde os colegas correm. No parquinho, Paulo fica longos momentos brincando na areia e às vezes brinca no balanço. Seu amigo preferido é um aluno de menos idade. Seu amigo está sempre por perto no parquinho, nos jogos de futebol na quadra da escola e às vezes no recreio.

Os jogos de futebol na quadra da escola são momentos de muita alegria para Paulo e seus colegas de turma. A professora sempre o escala para jogar e o mesmo é disputado pelos dois times formados na turma. Outro momento de descontração para Paulo é o momento de ouvir música. Sua música preferida é A Sopa da coleção Palavra Cantada. Ele já entra na sala dos professores

pedindo “música” e já sabe em qual armário os aparelhos de som são guardados.

### **3.2 ENTREVISTAS**

As entrevistas foram agrupadas em categorias de acordo com os temas recorrentes. Desta forma foram criadas as seguintes categorias:

#### **a) INTERAÇÃO SOCIAL COM A TURMA**

A professora de Paulo o descreve no início de seu processo de interação social como um aluno agressivo, com problemas para atender comandos e fixação por objetos.

*“(...) no início era um aluno problemático, muito agressivo, não obedecia regras, não obedecia comando, era um aluno com características autistas, então ele era assim, agora não, agora ele mudou/ agora ele já consegue viver sem a sacola, porque a sacola era o mundo dele (...)”* (trecho da entrevista da professora Marta).

O relato da professora Marta mostra alguns desafios apresentados durante o processo de inclusão de Paulo. Um desses desafios é reforçado por duas colegas de turma de Paulo, quando perguntadas sobre o relacionamento das mesmas com Paulo elas os descreve assim:

*“Ele bate nos outros e brinca”. (Lúcia) ;*

*“É ele bate, ele brinca.”(Bia).*

(trecho da entrevista com colegas de turma de Paulo)

A professora Leda, da sala de recurso, relata em sua entrevista a dificuldade de interação social apresentada por Paulo ao chegar à escola.

*“(...) quando ele chegou na escola, encaminhado pelo Centro de Ensino Especial, onde estudou desde a estimulação precoce. A Sala de Recursos o recebeu acompanhado com a mãe e nós o acompanhamos até a sala de aula. No percurso ele mordeu o Vice-diretor, não atendeu aos nossos comandos, relutou para entrar na sala de aula, estava com um saco plástico na mão, usava fraldas, tirava a roupa, tinha sérios problemas em relação a socialização, enfim apresentou vários comportamentos inadequados.”* (trecho da entrevista com a professora Leda, da sala de recursos.)

O relato da professora Leda sobre o aluno Paulo deixa claro os desafios apresentados em seu processo de interação social na escola e com a turma. O comportamento agressivo, a dificuldade em atender comandos, a fixação pelo saco plástico, a falta de autonomia imposta através do uso da fralda, que a família acreditava ser a melhor forma de mantê-lo higienizado. O aluno vinha de fralda e trazia outra na mochila, quando sujava a fralda, arrancava a roupa e muitas vezes até a professora chegar ao banheiro com o aluno ele já tinha se sujado todo, era necessário então o banho que era feito pela professora, era necessário então ligar para a mãe e pedir outra roupa. Geralmente a mãe vinha trazer a roupa e já o levava para casa mais cedo. O problema só foi amenizado com a chegada do monitor que foi encarregado de dar atenção exclusiva ao aluno no turno matutino diante das dificuldades apresentadas pelo mesmo. Ainda sobre a socialização de Paulo com a turma, quando perguntada sobre o seu relacionamento com o aluno, a professora destaca a resistência que Paulo tinha à sua aproximação e o afastamento que o mesmo mantinha dos colegas.

*“(...) até mesmo que o comportamento dele era muito agressivo(...) então essa agressividade, algumas crianças se afastavam dele(...)no início foi difícil porque essa aproximação foi muito difícil ele era bem resistente à questão do abraço(...)” (trecho da entrevista com a professora Marta)*

Percebe-se, na fala da professora Marta, que a agressividade excessiva do aluno Paulo dificultava a socialização do mesmo com os colegas, visto que diante da aproximação da professora e de outras crianças, geralmente Paulo reagia com agressões físicas e palavrões quase indecifráveis. Tudo isto fazia que os colegas se afastassem do mesmo. Esse afastamento é compreensível, pois Paulo é bem maior e mais forte que a maioria dos colegas, e a atitude dos mesmos de se afastarem não demonstra rejeição a Paulo e sim uma forma de se defenderem. Visto que em outro trecho da entrevista a professora deixa clara a aceitação de Paulo pelos colegas. A aproximação de Paulo com os colegas demonstra um ganho gradual refletido ao longo do processo de inclusão. De acordo com a professora:

*“(...)ele brinca com os alunos dentro da sala, fora da sala, ele gosta muito da recreação que é o momento onde ele joga bola com os*

*outros alunos e os alunos da turma acolheram muito bem o Paulo, então ele é muito amado dentro da sala de aula por todos(...)" (Trecho da entrevista com a professora Marta)*

A professora Marta faz outro relato de um evento de comemoração da Páscoa, quando as três turmas do segundo ano decidiram fazer a partilha do lanche no pátio da escola e Paulo recusou-se a se aproximar dos colegas.

*"Eu destaco uma no início, quando ele ficou afastado da turma, quando nós fizemos um lanche coletivo, que foi na época da páscoa, e eu tenho até fotos dele, ele ficou bem afastado, bem destacado da turma, ele não quis se aproximar da turma, mesmo sendo uma situação envolvendo lanche, ele gosta muito de comer, mas mesmo assim ele ficou o tempo todo afastado, bem destacado, não quis se aproximar" (trecho da entrevista com a professora Marta).*

Através do relato da professora Marta percebe-se que a dificuldade que Paulo apresentava na interação com os colegas de sala tornava-se um enorme sofrimento quando se via em meio a um grupo maior de crianças.

Em outro momento da entrevista a professora relata outra situação em que Paulo demonstra estar superando as dificuldades de interação com outros colegas além dos colegas de sala.

*"(...)e agora semana passada, no final de novembro, ele já consegue ficar dentro da sala de vídeo com três turmas, então isso aí já foi um ganho bem positivo em relação ao comportamento do Paulo que ele era muito afastado, ele não conseguia ficar muito tempo onde tinha mais alunos que a minha turma." (trecho da entrevista da professora Marta)*

Em outra fala da professora Marta é possível perceber avanços no processo de socialização de Paulo. Quando perguntada sobre como é a socialização de Paulo com a turma ela responde:

*"Está ótima ele brinca com os alunos dentro da sala, fora da sala, ele gosta muito da recreação que é o momento onde ele joga bola com os outros alunos, e os alunos da turma acolheram muito bem o Paulo, então ele é muito amado dentro da sala de aula por todos, ele brinca no parquinho ele vai para o recreio, o comportamento agressivo dele já diminuiu, muito a socialização dele agora em sala de aula já melhorou muito". (trecho da entrevista da professora Marta)*

Diante do exposto pela professora Marta e pelas colegas de turma de Paulo, no início o mesmo apresentava um comportamento agressivo que dificultava sua interação com a turma. O aluno era resistente à aproximação

com os colegas de sala, com a professora e essa situação se agravava quando se tratava da interação com os outros alunos do segundo ano.

Percebe-se também que Paulo apresentou avanços no segundo semestre, pois já conseguia interagir com os colegas dentro e fora de sala e também se dispunha a ficar períodos maiores em um ambiente com mais alunos que em sua sala. Essa mudança de comportamento de Paulo é explicada através do pensamento de SILVA, 2006:

(...) por meio da experiência ativa obtida por estimulação, pode ser construído um novo padrão de comportamento em pessoas com síndrome de Down, levando a modificações funcionais. Na exata medida em que evidencia a plasticidade fenotípica dos afetados, o sucesso das intervenções psicomotoras e pedagógicas na síndrome de Down mostra como não se pode afirmar que o conjunto fenotípico dessa síndrome seja *determinado geneticamente* (...) (SILVA,2006)

Dessa forma percebemos os benefícios de uma turma inclusiva no processo de aprendizagem de Paulo. Percebe-se que através da estimulação e das intervenções pedagógicas realizadas, o mesmo conseguiu avanços em seu comportamento.

## **b) ADAPTAÇÃO AO CONTEXTO ESCOLAR**

Durante os três anos de permanência de Paulo na nessa escola, ele sempre estudou no período vespertino. No ano de 2010 também sua matrícula foi mantida no mesmo turno, mas diante da alegação da mãe de que a criança iria fazer terapia no turno vespertino, Paulo foi transferido para o matutino. Essa mudança acabou se tornando mais uma barreira a ser superada no processo de inclusão do aluno, visto que o mesmo tem dificuldade em acordar cedo. Isso fica claro na fala da mãe, quando perguntada sobre de que forma participava da vida escolar do filho.

*“Eu ajudo ele quando tem dificuldade, às vezes ele não quer vir pra escola, ele quer mais é brincar né, e o horário que ele estudava era a tarde ,eu mudei o horário dele, aí ficou difícil, ele não quer vir pra escola,aí a tarde ele gosta muito, se for pra ele vir a tarde, ele vem duas, três vezes no mesmo dia”. (trecho da entrevista com a mãe)*

Através do relato da mãe, percebe-se a dificuldade que Paulo enfrentou durante todo o ano até se adaptar aos novos horários que tinha a cumprir e deixa claro que o problema não era a escola e sim o novo horário das aulas. A questão da adequação ao ambiente escolar é relatado também pela professora do aluno quando descreve sua fixação por um objeto (sacola plástica) e a tendência de ficar sentado no chão da sala recusando-se a executar as atividades propostas.

*“(...) porque a sacola era o mundo dele, ele se sentava e ficava com ela às cinco horas em sala de aula, e se eu não fizesse as intervenções ele ficaria ali com a sacola as cinco horas, só levantava para ir ao banheiro e para lanchar(...) ele vinha para a escola com a sacola, vinha para a escola só por vir, vinha com a sacola, digamos assim sem nenhuma responsabilidade pedagógica.” (trecho da entrevista com a professora).*

Percebe-se no relato da professora de Paulo que o mesmo vinha para a escola com uma sacola plástica nas mãos e mantinha-se indiferente ao que acontecia à sua volta. De acordo com relatos da professora, Paulo assumia um comportamento semelhante ao de uma criança “autista”. Contudo, é possível perceber em outro momento da entrevista que essa realidade de Paulo mudou muito se consideramos o início do processo de inclusão. Paulo, no final do ano, já não estava mais interessado apenas naquela sacola plástica que tanto lhe prendia a atenção e o afastava das rotinas diárias da turma.

*“(...)mas agora não, agora tá bem melhor, ele tem dever de casa, ele não vem mais com a sacola(...)” ( trecho da entrevista com a professora Marta)*

A professora Leda, da sala de recursos também destaca mudanças positivas no comportamento de Paulo durante seu processo de adaptação ao contexto escolar.

*“Hoje, eu o percebo como um aluno carinhoso, mais sociável, atende comandos com mais facilidade e apresenta muitas potencialidades para desenvolver a sua aprendizagem.”*

*(trecho da entrevista com a professora Leda, sala de recursos)*

Apesar de Paulo estar na escola em um horário em que estava habituado a estar dormindo ainda, Paulo demonstra avanços no decorrer do ano letivo quanto à sua adaptação ao ambiente escolar.

A educação de crianças com Síndrome de Down, apesar de sua complexidade, não invalida a afirmação de quem tem possibilidade de evoluírem. Com o devido acompanhamento, poderão tornar-se cidadãos úteis à comunidade, embora seu progresso não atinja os patamares das crianças normais. (SCHWARTZMAN, 1999, p.262 )

### c) PROCESSO APRENDIZAGEM

No processo de aprendizagem de Paulo foi necessário adotar estratégias de ensino voltadas para suas necessidades educacionais especiais. O aluno possui adequação curricular de grande porte e recebe atendimento na sala de recursos da escola uma vez por semana no turno vespertino. Além desse apoio recebido na escola, a participação da família fez grande diferença, visto que foram necessárias mudanças de postura em relação ao mesmo.

Quando perguntada se utilizava metodologias específicas com o aluno Paulo, a professora respondeu:

*“Eu uso várias, tudo que for pro bem dele, pra melhorar a aprendizagem dele, eu utilizo música, eu utilizo muito material concreto, porque ele tem que pegar, ele tem que apalpar, então se eu dou uma letra nova, eu dei a letra h que tem no nome dele por exemplo, levei um helicóptero, dei a letra g que também tem no nome dele, levei um gatinho de pelúcia, ele gosta muito de música, de vídeos envolvendo músicas, ele gosta muito de brinquedos, ele gosta muito de colagem, recorte ele ainda não consegue, mas eu utilizo em sala de aula, eu utilizo muito também no caso muitas repetições(...), oscilam muito na aprendizagem/ então tem que ser uma aprendizagem repetitiva.”* (trecho da entrevista da professora Marta)

Feuerstein (1979), interpreta o desenvolvimento cognitivo como decorrente da interação da criança com o ambiente e da experiência de aprendizagem mediada, proporcionada por pessoa próxima, que leva a criança a processar conhecimentos significativos para o seu crescimento intelectual. Essa interpretação se aproxima da abordagem da inteligência de Vygotsky, 1991 que estabelece que o ambiente sociocultural intermedia a aprendizagem da criança.

Ao falar sobre as metodologias empregadas com o aluno Paulo, a professora Marta destaca a importância de se trabalhar com o mesmo o concreto, músicas, vídeos, colagens e repetições.

Em outro momento ela destaca o papel a mudança de postura da família em relação ao aluno Paulo e as contribuições que essa participação trouxe ao processo.

*“No início tudo foi muito difícil, até mesmo com a família, porque a família era a primeira a dar a sacola para que ele ficasse quieto, então todo dia ele vinha com essa sacola na mão e a gente conversava com a família, que ele não era autista, ele só tem Síndrome de Down, ele conseguiria se desenvolver mais, porque até um aluno autista consegue se desenvolver, aprender, claro que mais devagar, e com a família no início foi complicado, porque eles não achavam que ele não conseguiria aprender(...)”*

*“(...) agora ele já realiza essas atividades, claro de acordo com a deficiência que ele tem, tudo voltado para ele, ele realiza as atividades com o auxílio do monitor e com meu auxílio, hoje ele já é mais sociável, já obedece mais regras, comandos, já tem uma socialização bem melhor dentro da escola. ( trechos da entrevista com a professora Marta)*

A professora Leda, da sala de recursos também deixa claro os desafios enfrentados com a família no início do processo de inclusão do aluno e destaca avanços no processo de aprendizagem do mesmo.

*“Os principais desafios foram em relação à família que não aceitava a sua ida para a escola, a mãe achava que no Centro de Ensino Especial seria o melhor local para ele e ninguém iria incomodá-la, mas a realidade era outra. As dificuldades que apresentou quando chegou na escola eram reflexo de uma falta de rotina e limites claros em casa e a sala de recursos teve que fazer um trabalho direto com a família que não compreendia a sua importância neste processo.”*

*“Hoje, ele não faz uso de fralda, não fica segurando o saco plástico, atende comandos simples, está mais tranquilo, consegue interagir com a professora e colegas, mas ainda com algumas limitações, identifica as letras do seu nome, é mais sociável.” ( trechos da entrevista da entrevista com a professora Leda, sala de recursos)*

Através do relato da professora Marta e da professora Leda, percebe-se que no início a família subestimava a capacidade aprendizagem de Paulo, sentia certo comodismo na permanência do mesmo no Centro de Ensino Especial e não via nenhum prejuízo no fato de o mesmo estar tão envolvido com a sacola plástica, pois aquele objeto prendia sua atenção. As professoras

destacam também a necessidade de atividades adequadas às limitações de Paulo o que vem de encontro à teoria de Bissoto, 2005 que defende:

que a ação educacional ou terapêutica adotada com os indivíduos com SD deve levar em consideração que existem necessidades educacionais próprias, que devem ser consideradas e respeitadas, para que se possa trabalhar adequadamente, estimulando e desenvolvendo o indivíduo com a Síndrome e que os profissionais relacionados possam compreender que existem processos de desenvolvimento particulares de cada indivíduo. (BISSOTO, 2005 Apud SILVA, 2006)

A professora Leda, destaca ainda a necessidade de uma rotina e da imposição de limites em casa e na escola e lembra também da importância do papel da família no processo de desenvolvimento do aluno.

Em outro trecho da entrevista a professora destaca avanços no processo aprendizagem do aluno que lhe garantiram uma certa independência.

*“(...) depois ele pegou confiança em mim, também e no monitor que me ajuda com ele, aí eu comecei a fazer com que ele aprendesse algumas letras, ele sabe as letras do nome dele, ele não conseguia ficar sentado por muito tempo, ele já consegue, ele lancha sozinho, ele vai ao banheiro sozinho, e então foi um grande avanço...”*

Apesar dos avanços de Paulo, quando solicitada a fazer uma avaliação da inclusão dos ANES, a professora cita medidas que poderiam proporcionar ao Paulo e outros ANES ir além, se tivessem um ambiente escolar que favorecesse mais esse processo e no caso de Paulo, se a família lhe proporcionasse outras atividades extras.

*“(...) ainda existem algumas falhas, no caso essas crianças tinham que ter uma carga horária diferente e também além do professor regente deveria ter outro professor específico para área de Educação Física, música, trabalhar outras questões específicas que a gente como professor regente não consegue alcançar(...) É assim em relação à família, ele poderia ter uma aula de natação algum esporte, e uma fonoaudióloga, porque ele não tem um acompanhamento com a fonoaudióloga, e ele precisa muito, porque a linguagem dele ainda é muito difícil de compreender”.(trechos da entrevista da professora Marta)*

A necessidade de uma maior atenção da família é percebido também na fala da professora Leda da sala de recursos.

*“Acredito que quando a família abraçar a causa tudo pode ser modificado para melhor. Ex: através da busca por um atendimento*

*fonoaudiológico para o filho, uma equoterapia, a construção em casa de um ambiente estimulador com jogos pedagógicos, músicas educativas, livros etc., oferecimento de uma alimentação balanceada, proporcionar ao filho a participação de passeios à zoológicos, cinemas, shoppings, e outros, participar da vida escolar, tudo com limites claros e objetivos. Estas ações seriam refletidas no ambiente escolar e facilitaria o desenvolvimento de Paulo e conseqüentemente a sua aprendizagem.” (Trecho da entrevista da professora Leda, sala de recursos)*

A dificuldade no desenvolvimento da linguagem do aluno é explicado no pensamento de Bukley e Bird Apud SILVA (2006), pois os mesmos falam das dificuldades relevantes no tocante ao desenvolvimento cognitivo e , como, por exemplo, o atraso no desenvolvimento da linguagem, as dificuldades em reconhecer regras gramaticais e sintáticas da língua e também dificuldades na produção da fala com um desemparelhamento entre a velocidade com que se compreende e o ato de falar propriamente dito. Tais dificuldades de linguagem podem comprometer outras habilidades cognitivas.

#### **d) APOIO AO TRABALHO DO PROFESSOR**

Quando questionada se recebia apoio da sala de recursos a professora respondeu.

*“Não. Eu não recebo. Eu tenho uma ajuda do monitor todos os dias em sala de aula. De vez em quando o pessoal da sala de recursos leva algum material .Mas é mais eu mesmo que corro atrás de material,que elaboro e que faço pra ele ter um melhor desempenho.”*

*(trecho da entrevista com a professora Marta)*

Fica claro na fala da professora Marta a falta de orientação sobre o trabalho a ser desenvolvido com o aluno. Ela ressalta que recebe de vez em quando alguma atividade da sala de recursos, mas na maioria das vezes é ela quem busca e elabora essas atividades que visam um melhor desenvolvimento do aluno.

Por outro lado quando perguntada sobre o apoio oferecido pela sala de recursos ao trabalho da professora a professora, a professora Leda afirma contrário.

*“ Sim, como orientações à respeito do diagnóstico do aluno, realização das adequações curriculares, onde ela pode focar a aprendizagem do aluno, valorizando o seu trabalho, orientando a família, realizando oficinas voltadas para a inclusão e outros, mas o principal fio condutor deste trabalho é a professora que está à frente de todo o processo.” ( trecho da entrevista da professora Leda, sala de recursos)*

A professora Leda destaca também o atendimento oferecido ao aluno uma vez por semana em horário contrário.

*“ Nós realizamos o Atendimento Educacional Especializado na Sala de Recursos, pautado na autonomia de atividades de vida diária e no desenvolvimento da sua aprendizagem, sempre com respeito a suas limitações, mas sempre apostando na sua potencialidade.”( trecho da entrevista da professora Leda, sala de recursos)*

As Diretrizes Pedagógicas da Secretaria de Educação do Distrito Federal destaca como parte da rede de apoio especializado ao ANEE, a sala de recursos, que é definida pela Diretriz Nacional como “serviço de natureza pedagógica, conduzida por professor especializado, que suplementa (no caso dos superdotados/altas habilidades) e complementa (para os demais alunos) o atendimento educacional realizado em classes comuns em todas as etapas da Educação Básica”.

Ainda de acordo com as Diretrizes Pedagógicas da Secretaria de Educação do Distrito Federal a sala de recursos deve atender aos alunos com necessidades educacionais especiais nas seguintes áreas: Deficiência mental/Intelectual, deficiência física, deficiência múltipla, deficiência visual, deficiência auditiva, surdocegueira , transtorno global de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Ao ser perguntada sobre o processo de inclusão a professora da sala de recursos respondeu o seguinte:

*“No início é um processo dolorido, tanto para as famílias , para os alunos, quanto para o professor que está na ponta de tudo, mas ao mesmo tempo é muito gratificante verificar que é possível sim,*

*quando todos trabalham em prol da construção de uma escola inclusiva, onde todos são valorizados, a diferença é compreendida pela convivência com o outro e claro, com possibilidades de aprendizagem para todos. A Inclusão escolar é um fato, não tem o que, nem porque retroceder, temos que acreditar e buscar formas de viabilizá-la e estamos caminhando neste processo, com muitas barreiras, porém aos poucos ela se tornará uma realidade.”*

*(trecho da entrevista da professora Leda, sala de recursos)*

Diante do relato da professora Leda da sala de recursos percebem-se as dificuldades enfrentadas por todos os sujeitos envolvidos no processo de inclusão escolar, a família na maioria das vezes, sofre por não aceitar a deficiência do filho, o aluno incluído enfrenta dificuldades de adaptação em uma turma regular que mesmo com adequação curricular vai exigir mais desse aluno e o professor que deve promover uma inclusão efetiva do aluno, muitas vezes sofre pela falta de apoio especializado no trabalho que deve realizar com esse aluno e nem sempre é compreendido pela família que muitas vezes não aceita que esse aluno pode ter seu desenvolvimento favorecido através da interação com outras crianças.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através deste trabalho buscou-se realizar, identificar, relatar e analisar aspectos relativos ao processo de inclusão de um aluno com Síndrome de Down em uma escola pública do Distrito Federal; descrever e analisar o processo de inclusão educacional de uma criança com SD, além de compreender aspectos acerca da SD.

A realização da pesquisa qualitativa utilizando os instrumentos metodológicos da entrevista, observação e análise documental permitiram a identificação o relato e análise de vários fatores inerentes ao processo inclusivo do aluno Paulo, sujeito da pesquisa.

Através das observações e entrevistas realizadas foi possível observar a importância da inclusão do aluno Paulo em uma turma de integração inversa, com o objetivo de proporcionar uma maior adaptação do aluno ao contexto escolar, bem como os benefícios que a interação social com outros alunos traz aos ANEES. Provavelmente, essa interação não seria possível caso o mesmo continuasse a frequentar o Centro de Ensino Especial.

Percebe-se também que a inclusão do aluno em uma escola regular da rede pública proporcionou ao mesmo grandes avanços em relação ao seu comportamento que antes apresentava tendência ao isolamento, agressividade com os colegas e funcionários da escola, fixação pelo saco plástico e até mesmo o uso de fraldas aos dez anos de idade.

Observa-se também que os desafios apresentados pela família em relação à inclusão do aluno, embora não tenha sido superado completamente também apresentou grandes avanços através de orientações da sala de recursos, realizou um intenso trabalho de conscientização e valorização da família do aluno com o objetivo de torná-la parte do processo de aprendizagem do mesmo, dessa forma a família conseguiu reconhecer os progressos alcançados por Paulo que refletiram também em seu relacionamento em casa.

Através desta pesquisa é possível perceber também que o sucesso da inclusão depende não só da escola, mas deve acontecer através de uma parceria com a família que tem importante papel na vida de toda criança, seja ANEE ou não, pois embora os indivíduos com SD possam apresentar um desenvolvimento mais lento percebemos que além da escola ter sua importância, o papel da família é fundamental, pois além do grau de deficiência intelectual apresentado por essas crianças, o apoio oferecido em casa geralmente faz a diferença e essa diferença é percebida na própria escola que atende outras crianças com a mesma síndrome e apresentam comportamentos e níveis de desenvolvimento bem distintos.

O presente estudo nos permite compreender que a inclusão de um aluno com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino torna-se um desafio para toda a comunidade escolar cabendo à família, aos professores, à rede de apoio especializado e aos demais alunos aprenderem a lidar com uma pessoa que com suas limitações físicas ou neurológicas necessita de adaptações no ambiente e no currículo para que possa ter o direito de aprender dentro de suas limitações.

Assim, o desafio de incluir um aluno com SD em uma turma regular, nas séries iniciais do ensino fundamental não poderia ser diferente, visto que esse aluno traz dificuldades em se relacionar, na adaptação do contexto escolar, na linguagem que torna difícil sua interação com os demais alunos. Mas antes de ser um desafio, a inclusão do mesmo torna-se também uma possibilidade de aprendizagem para os colegas que tem a oportunidade de se tornarem pessoas mais solidárias e dos professores que sentem a necessidade de buscarem informações sobre o assunto através da formação continuada com a finalidade de compreenderem as necessidades do aluno e assim colaborarem com seu desenvolvimento, pois aprendemos quando somos desafiados e o desafio geralmente reside nas diferenças.

No processo de inclusão do aluno Paulo ainda existe muitos desafios a serem superados, apesar de todo o avanço no processo de socialização e aprendizagem durante o último ano, ainda há muito que se conquistar, Paulo

ainda apresenta muita dificuldade na linguagem oral e apesar da conscientização feita pela escola com a família sobre a necessidade do atendimento fonoaudiológico para o mesmo, Paulo ainda não recebe tal atendimento.

Atualmente, Paulo continua em uma turma de integração inversa (2º ano do ensino fundamental), de acordo com sua adequação curricular, ele continua na mesma escola, porém no turno vespertino. Ele conta com o apoio do monitor e é atendido pela sala de recursos.

## RERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Diva; BARBATO, Silviane. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UNB/UAB. 2010;

CUNNINGHAM, Cliff. Síndrome de Down – Uma Introdução para Pais e Cuidadores. São Paulo. Artmed, 3ª edição, 2008;

FÁVERO, Osmar, Win,z , Ireland.Timothy, Barreiro. Débora. Tornar a educação Inclusiva – Brasília. UNESCO, 2009;

MATOS, Hanna de Souza, Taline Souza de Andrade, Isnara Teixeira Mello e Zenilda Nogueira Sales. Concepções de Mães em Relação a Filhos Portadores da Síndrome de Down. Artigo. Revista Saúde.com, 2.006.

PUESCHEL, Siegfried e REILY, Lúcia Helena. Síndrome de Down: Guia para pais e educadores. São Paulo, Papyrus, 12ª edição, 2.007)

RAMOS, Rossana. Inclusão na Prática – Estratégias Eficazes para a Educação Inclusiva. São Paulo, Summus, 2010.

SCHWARTZMAN, José Salomão. Síndrome de Down – Menon. 2º Ed. 2003

SILVA, Maria de Fátima Minetto Caldeira; Andréia Cristina dos Santos Kleinhans. Processos cognitivos e plasticidade cerebral na Síndrome de Down. Rev. bras. educ. espec. vol.12 no. 1 Marília Jan./Apr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em 08.03.2011

TUNES, E. e PIANTINO, L.D. Cadê a Síndrome de Down que estava aqui? O gato comeu...: o programa de Lurdinha. Campinas, Editora Autores Associados, 2001;

VOIVODIC, Maria Antonieta. Inclusão Escolar de Crianças com Síndrome de Down. Petrópolis, RJ : Vozes, 2004;

## ANEXOS

### ROTEIRO DE ENTREVISTAS

#### Professora:

- Dados Pessoais
- Qual seu nome e idade?
- Quanto tempo você tem de experiência com magistério?
- Já trabalhou com Ensino Especial?
- Qual sua formação?
- Costuma fazer cursos de formação continuada? Tem algum que você fez que destacaria?
- Você já fez algum curso na área de ensino especial ou inclusão escolar? Se fez, qual foi?
- Como você avalia o processo de inclusão escolar?
- Você trabalha, atualmente, com alunos incluídos?
- Se trabalha, comente um pouco sobre os avanços e dificuldades.
- O que você sabe sobre a Síndrome de Down?
- Como foi seu primeiro contato com o aluno Paulo?
- Como você descreveria o aluno Paulo?
- Quais foram ou são os desafios encontrados em seu trabalho com o aluno?
- Como é a socialização do aluno com a turma?
- Como é seu relacionamento com o aluno?

- Você destacaria alguma situação vivida pelo aluno em sala de aula ou na escola?
- Você usa alguma metodologia específica com esse aluno? Quais?
- Você recebe apoio da sala de recursos no trabalho com o aluno?
- Você percebe algum avanço no desenvolvimento do aluno?
- O que poderia ser feito para que o aluno tivesse um desempenho melhor?
- Como é seu relacionamento com a família desse aluno?
- Você recebe alguma orientação ou suporte para trabalhar com esse aluno?

**Colegas de sala:**

- Qual o seu nome e quantos anos você tem?
- Fale um pouco sobre seu colega Paulo:
- O Paulo participa de todas as atividades com você? O que ele mais gosta de fazer aqui na escola?
- Você costuma ajudá-lo?
- Como é o relacionamento dele com vocês?

**Equipe da sala de recursos:**

- Dados Pessoais
- Qual se nome e idade?

- Quanto tempo você tem de experiência com magistério?
- Há quanto tempo você trabalha na equipe?
- Qual sua formação?
- Costuma fazer cursos de formação continuada? Tem algum que você fez que destacaria?
- Você já fez algum curso na área de ensino especial ou inclusão escolar? Se fez, qual foi?
- Como você avalia o processo de inclusão escolar?
- Como foi seu primeiro contato com o aluno Paulo?
- Como você descreveria o aluno Paulo?
- Você acompanha o Paulo desde a época que ele veio do Centro de Ensino Especial para a nossa escola. Quais os principais desafios que você percebeu na inclusão do mesmo em uma turma regular?
- Como é o trabalho que você realiza com o Paulo?
- A equipe da sala de recursos oferece algum apoio ao trabalho da professora do Paulo?
- Quais progressos você percebe durante o tempo em que ele está incluso no ensino regular?
- Como é a participação da família do aluno em sua vida escolar?
- O que você acredita que poderia ser feito para que Paulo tivesse um desempenho melhor?

**Mãe:**

- Fale um pouco sobre seu filho Paulo:
- A senhora encontrou ou encontra algum obstáculo na inclusão de seu filho em uma escola regular?

(CASO A RESPOSTA SEJA POSITIVA)

- O que a senhora acredita que poderia ser feito para superar esses obstáculos?
- De que forma a senhora participa da vida escolar do mesmo?
- Para a senhora, como seria a escola ideal para seu filho?



---

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre\_\_\_\_\_ . Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa \_\_\_\_\_ (RELACIONAR O QUE SERÁ FEITO: POR EXEMPLO gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola, próprias das NEEs , INCLUSAÕ, ETC e, ainda, entrevistas (gravadas em áudio) com os professores no intuito de .....). Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Para isso, solicito sua autorização para que seu(sua) filho(a) participe do estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Seu(sua) filho(a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação de seu(sua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone ..... ou no endereço eletrônico [.....](#). Se tiver

interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Orientanda do .....UAB – UnB

---

---

Sim, autorizo a participação de meu(minha) filho(a)

\_\_\_\_\_

neste estudo.

Nome:

\_\_\_\_\_

Assinatura:

\_\_\_\_\_

E-mail (opcional): \_\_\_\_\_



---

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Professores,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre\_\_\_\_\_ . Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa \_\_\_\_\_ (RELACIONAR O QUE SERÁ FEITO: POR EXEMPLO gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola, próprias das NEEs , INCLUSAÕ, ETC e, ainda, entrevistas (gravadas em áudio) com os professores no intuito de .....). Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone ..... ou no endereço eletrônico [.....](#). Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

-----

---

---

Concorda em participar do estudo? ( ) Sim ( ) Não

Nome:

---

Assinatura:

---

E-mail (opcional): \_\_\_\_\_